

Automedicação entre universitários e sua influência em exames bioquímicos: Uma revisão integrativa

Self-medication among university students and its influence on biochemical tests: An integrative review

Automedicación en estudiantes universitarios y su influencia en las pruebas bioquímicas: Una revisión integradora

Recebido: 23/10/2025 | Revisado: 30/10/2025 | Aceitado: 31/10/2025 | Publicado: 02/11/2025

Ádylla Raquel Siqueira Carvalho

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9196-7046>

Centro Universitário Uninovafapi, Brasil

E-mail: Adyllaraquelsc@gmail.com

Maria Luíza Pereira Carvalho

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7184-201X>

Centro Universitário Uninovafapi, Brasil

E-mail: pcluiza280101@gmail.com

Izálbert Carvalho

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2421-6179>

Centro Universitário Uninovafapi, Brasil

E-mail: socorroizalbert222@gmail.com

Verônica Pereira da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6818-1382>

Centro Universitário Uninovafapi, Brasil

E-mail: Veronicapereira93572@gmail.com

Tacyana Pires de Carvalho Costa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8106-5444>

Centro Universitário Uninovafapi, Brasil

E-mail: tacyana.carvalho@uninovafapi.edu.br

Denilson de Araújo e Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5401-3462>

Escritório Regional Fiocruz Piauí, Brasil

E-mail: bmdenilsonaraujo@outlook.com

Resumo

A automedicação consiste no uso de medicamentos sem prescrição ou orientação profissional adequada, prática comum entre universitários e que pode interferir em exames bioquímicos. O presente estudo teve como objetivo analisar, por meio de uma revisão integrativa da literatura, a prática da automedicação entre universitários e suas possíveis interferências em exames bioquímicos. A pesquisa foi realizada nas bases de dados BVS, SciELO, CAPES e NIH, utilizando descritores em português e inglês relacionados à automedicação, exames laboratoriais e saúde pública. Foram excluídos artigos duplicados, fora da temática ou que não atenderam aos critérios de inclusão. Dos 38 estudos encontrados, 12 atenderam aos critérios e foram selecionados para análise. Os resultados evidenciaram que os medicamentos mais utilizados pelos universitários foram analgésicos, antitérmicos e anti-inflamatórios. Observou-se que o uso indiscriminado destes fármacos pode interferir em parâmetros bioquímicos, comprometendo a interpretação dos exames laboratoriais e mascarando condições clínicas. Conclui-se que a automedicação entre universitários tem se tornado uma prática cada vez mais frequente, impulsionada pela facilidade de acesso a medicamentos, pela autoconfiança no autodiagnóstico e pela falta de tempo para procurar atendimento médico.

Palavras-chave: Automedicação; Universitários; Marcadores bioquímicos; Erros no diagnóstico.

Abstract

Self-medication consists of the use of medications without proper prescription or professional guidance, a common practice among university students that can interfere with biochemical tests. The present study aimed to analyze, through an integrative literature review, the practice of self-medication among university students and its possible interferences in biochemical examinations. The research was conducted in the BVS, SciELO, CAPES, and NIH databases, using Portuguese and English descriptors related to self-medication, laboratory tests, and public health.

Duplicate articles, those outside the topic, or those that did not meet the inclusion criteria were excluded. Of the 38 studies found, 12 met the criteria and were selected for analysis. The results showed that the most commonly used medications among university students were analgesics, antipyretics, and anti-inflammatory drugs. It was observed that the indiscriminate use of these drugs can interfere with biochemical parameters, compromising the interpretation of laboratory tests and masking clinical conditions. It is concluded that self-medication among university students has become an increasingly frequent practice, driven by the ease of access to medications, self-confidence in self-diagnosis, and lack of time to seek medical care.

Keywords: Self-medication; University students; Biochemical marker; Diagnostic errors.

Resumen

La automedicación consiste en el uso de medicamentos sin receta ni orientación profesional adecuada, una práctica común entre estudiantes universitarios que puede interferir con las pruebas bioquímicas. Este estudio tuvo como objetivo analizar, mediante una revisión bibliográfica integradora, la práctica de la automedicación entre estudiantes universitarios y su posible impacto en las pruebas bioquímicas. La búsqueda se realizó en las bases de datos BVS, SciELO, CAPES y NIH, utilizando descriptores en portugués e inglés relacionados con la automedicación, las pruebas de laboratorio y la salud pública. Se excluyeron los artículos duplicados, los artículos fuera del tema o aquellos que no cumplían con los criterios de inclusión. De los 38 estudios encontrados, 12 cumplieron con los criterios y fueron seleccionados para el análisis. Los resultados mostraron que los medicamentos más utilizados por los estudiantes universitarios fueron analgésicos, antipiréticos y antiinflamatorios. Se observó que el uso indiscriminado de estos fármacos puede interferir con los parámetros bioquímicos, lo que compromete la interpretación de las pruebas de laboratorio y enmascara las afecciones clínicas. Se concluye que la automedicación entre los estudiantes universitarios se ha convertido en una práctica cada vez más común, impulsada por el fácil acceso a los medicamentos, la confianza en el autodiagnóstico y la falta de tiempo para buscar atención médica.

Palabras clave: Automedicación; Estudiantes universitarios; Marcadores bioquímicos; Errores diagnósticos.

1. Introdução

Os medicamentos foram desenvolvidos com o objetivo de promover o bem-estar aos indivíduos, desempenhando um papel fundamental na prevenção, tratamento e cura de doenças, no alívio de sintomas e na contribuição para o diagnóstico clínico. No entanto, é amplamente reconhecido que o uso indiscriminado de fármacos pode acarretar riscos significativos à saúde, uma vez que pode desencadear reações adversas indesejadas, como intoxicações, alergias, hemorragias e o mascaramento de doenças, comprometendo, assim, a precisão dos diagnósticos laboratoriais.

A automedicação é uma prática comum em diversos contextos sociais, sendo caracterizada pela seleção e o uso de medicamentos para tratar sintomas e doenças autorreferidas pelo paciente, sem a orientação de um profissional de saúde (Freire et al, 2023). Embora, em determinadas situações, como no uso de medicamentos isentos de prescrição (MIPs), essa prática possa ser considerada segura, seu uso recorrente e indiscriminado representa um fator de risco relevante, tanto pela possibilidade de efeitos adversos quanto pelas interações medicamentosas e pelo mascaramento de sintomas clínicos (Hoefer et al, 2020).

Segundo o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox) o uso inadequado de medicamentos configura-se como a principal causa de intoxicação humana por agentes tóxicos no Brasil. Segundo Silva, et al (2021) vários medicamentos podem causar interferências biológicas (in vivo) e analíticas (in vitro) que impactam os exames bioquímicos. Quando um medicamento induz a alteração de um marcador biológico por meio de mecanismo fisiológico ou farmacológico ocorre a interferência in vivo ou reação adversa ao medicamento.

Essa prática é influenciada por uma série de aspectos culturais, sociais, econômicos e individuais. Entretanto, Estudos demonstram que a prática da automedicação é mais prevalente entre indivíduos com maior grau de instrução, de conhecimento e também a facilidade de acesso ao mesmo. Isso ocorre pelo fato de, quanto mais elevado o grau de familiaridade e conhecimento referente aos medicamentos, maior tende a ser a autoconfiança do indivíduo em utilizá-los sem orientação profissional, o que pode levar ao uso indiscriminado. Isso pode ser observado por meio de um estudo conduzido por Behzadifar et al. (2020), onde foi identificada uma prevalência de automedicação de 70,1% entre estudantes universitários,

estudantes da área médica apresentaram uma taxa significativamente mais alta de automedicação (97,2%) em comparação com estudantes de outras áreas (44,7%) o que reforça a associação entre a prática da automedicação e o nível de familiaridade dos estudantes da saúde com o uso de medicamentos (Santos et al., 2023).

A rotina acadêmica impõe aos estudantes uma série de demandas e pressões por alto desempenho e resultados satisfatórios. Diante disto, é comum os acadêmicos recorrerem ao uso de medicamentos sem a devida orientação profissional, com a finalidade de aliviar sintomas como cefaleia, ansiedade e insônia, ou ainda para potencializar a concentração durante os estudos. No ambiente universitário, essas consequências são ainda mais preocupantes. Muitos estudantes não possuem acompanhamento médico regular e tendem a tomar decisões baseadas em experiências pessoais ou informações não verificadas. A combinação de fatores com autoconfiança no cuidado da própria saúde, negligência de sintomas persistentes e uso indiscriminado de fármacos cria um cenário propício para interferências laboratoriais não detectadas, dificultando a atuação de profissionais da saúde e laboratórios clínicos.

O presente estudo teve como objetivo analisar, por meio de uma revisão integrativa de literatura, a prática da automedicação entre universitários e suas possíveis alterações bioquímicas.

2. Metodologia

Realizou-se um estudo de pesquisa documental de fonte indireta do tipo revisão bibliográfica sistemática integrativa (Snyder, 2019) e, este estudo foi de natureza quantitativa em relação à quantidade de 12 artigos selecionados e qualitativa e quantitativa em relação à análise dos artigos selecionados que também utilizaram estatística descritiva simples com uso de gráficos de setores e gráficos de barras, com uso de classes de dados e valores de frequência absoluta em quantidade e frequência relativa percentual em relação à automedicação nas várias classes de dados (Shitsuka et al., 2014).

O presente estudo buscou analisar as causas da automedicação entre universitários e a possível interferência em exames bioquímicos decorrentes desta prática. A revisão integrativa da literatura se trata de um método de pesquisa que tem como objetivo reunir, avaliar e compreender, informações obtidas através de tipos de publicações, como artigos científicos, livros, relatórios e estudos, sobre o tema de interesse. Seu propósito é unir e comparar o conhecimento já existente, possibilitando uma visão mais abrangente e a formulação de novas perspectivas sobre o assunto analisado. (Hassunuma, 2024)

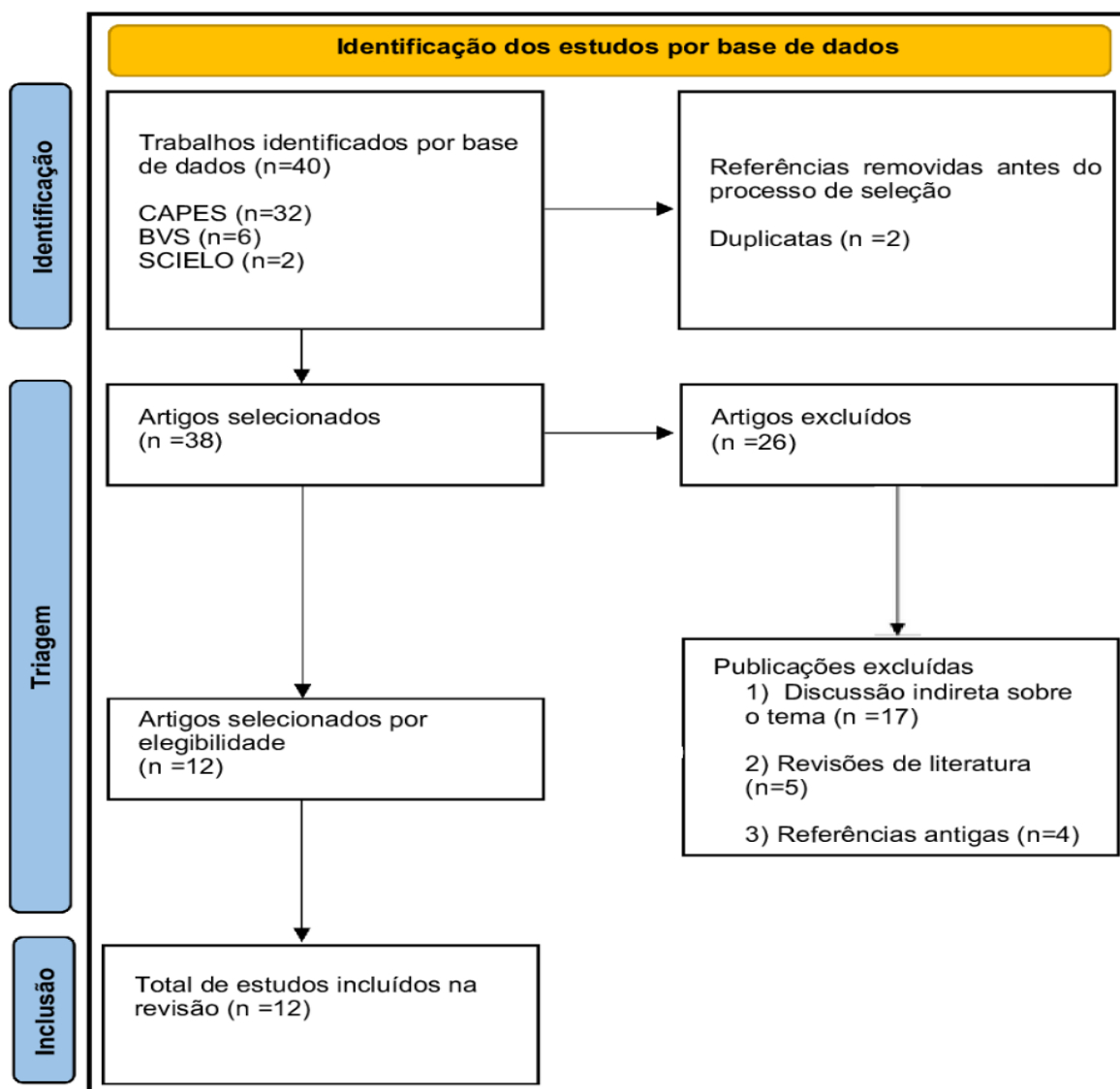
As bases de dados consultadas incluíram a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS); Scientific Electronic Library Online (SciELO); Portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); National Library of Medicine (NIH). Foram utilizados os seguintes descritores na língua portuguesa e inglesa buscados inicialmente na plataforma Descritores em Ciências da Saúde - DeCS: Automedicação; Universitários; Medicamentos; Marcadores Bioquímicos; Saúde Pública. Os operadores booleanos AND e OR foram utilizados para refinar a busca nas bases de dados de modo que fossem encontrados o maior número de publicações que contivesse a junção entre dois ou mais descritores. Foram definidos como critérios de inclusão: artigos completos, dissertações e teses disponíveis gratuitamente; idioma de publicação em português e inglês; artigos entre os anos de 2019 a 2025.

Foram excluídos os artigos que não se adequaram aos critérios de inclusão, bem como os artigos duplicados ou que fugissem da temática proposta pelo estudo. O processo inicial de seleção do material para revisão se deu através da leitura dos títulos, objetivos e resumos. Após a avaliação inicial, foi realizada a leitura minuciosa dos estudos previamente selecionados a fim de realizar posterior refinamento.

3. Resultados e Discussões

Inicialmente foram selecionados 40 estudos. Sendo 32 do Portal CAPES, 06 da BVS e 02 do Scielo. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados estudos conforme a qualidade e relevância com o tema proposto. A Figura 1 ilustra o processo de busca e seleção dos artigos.

Figura 1 - Fluxograma ilustrando a busca e seleção de artigos.



Fonte: Elaborado pelos Autores.

O Quadro 1 apresenta os principais achados dos artigos revisados, bem como suas respectivas conclusões.

Quadro 1 – Artigos selecionados para revisão integrativa, seus principais achados e conclusões.

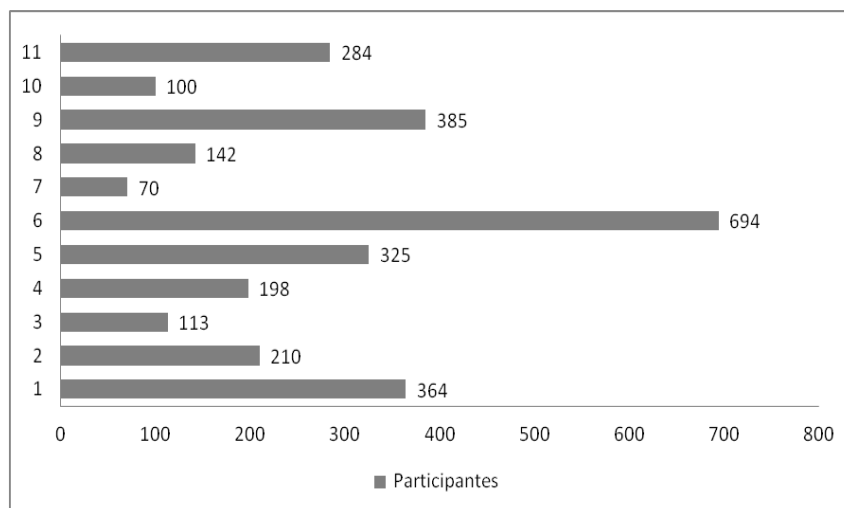
Autor/Ano	Objetivos	Metodologia	Resultados
Santos, 2022	Verificar o comportamento de estudantes universitários da área da saúde com relação à prática da automedicação.	Formulário Google forms®, on-line, através do e-mail institucional.	Dos 364 participantes, 53% relataram automedicação, predominando mulheres jovens com ensino superior incompleto, sendo os antigripais os mais utilizados.
Querino, 2023	Conhecer o perfil de automedicação entre os universitários da área de saúde.	Questionário adaptado do estudo de Coelho, enviado via formulário eletrônico on-line viabilizado pelo aplicativo Google Forms.	A automedicação foi frequente (97,24%), principalmente entre mulheres de 21 a 23 anos do curso de Farmácia, sendo a cefaléia a queixa mais comum, relacionada à presença de medicamentos em casa.
Inoue, 2025	Traçar o perfil dos estudantes de saúde dos cursos de Biomedicina/Farmácia que realizam a automedicação	Formulários Google divulgados por meio do grupo de WhatsApp e pelo Google Classroom.	110 relataram a automedicação, sobretudo mulheres de 19 a 25 anos, com destaque para analgésicos/antitérmicos e o fácil acesso como fator principal.
Andrade, 2021	Avaliar a prevalência da automedicação entre estudantes da saúde.	Questionário virtual utilizando o Forms/microsoft enviado através de e-mail institucional e grupos virtuais.	90% dos participantes se automedicam sendo as vitaminas as mais utilizadas. 70% buscavam informações na internet sendo influenciados pela autoconfiança.
Cândido, 2021	Avaliar o uso de estimulantes do sistema nervoso central entre os acadêmicos da saúde,	Formulário Google forms enviados através dos grupos de whatsapp.	Alto índice de acadêmicos que se automedicam 231(71,1%).
Lima, 2022	Estimar a prevalência e fatores associados à automedicação entre estudantes de cursos de graduação.	Questionário autoaplicável, realizado na sala de aula.	Dos 694 graduandos, 483 indicaram consumo medicamentoso. Sendo 238 da área da saúde e 149 de outras áreas.
Júnior, 2022	Determinar a prevalência da automedicação em estudantes de Odontologia e Enfermagem.	Aplicação de um questionário em sala de aula.	Dos 70 estudantes, 67 (97,1%) afirmaram fazer uso de medicamentos sem prescrição médica, sendo destes 37 do curso de odontologia e 29 do curso de enfermagem.
Souza, 2024	Estimar a prevalência do uso de analgésicos não opióides para alívio da dor entre graduandos de Enfermagem.	Utilizou-se um questionário autoaplicável composto de questões objetivas e subjetivas, aplicado em sala de aula.	A prevalência do consumo de analgésicos não opióides foi de 68,3%, sendo o alívio das dores de cabeça (64,9%) a principal queixa para o ato de tal prática.
Lopes, 2021	Avaliar o comportamento de acadêmicos de Odontologia com relação a automedicação	Questionário gerado pelo Formulários Google, compartilhado nos grupos do WhatsApp e anexado no Classroom pelos docentes.	Dos 380 acadêmicos, 353 afirmaram se automedicar, sendo em sua maioria jovens entre 18 e 20 anos. 82,1%
Guida & Guida, 2023	Analisar a prevalência da automedicação por analgésicos não opióides em estudantes de Medicina.	Questionários aplicados por meio da plataforma Google Forms.	86% afirmaram já ter adquirido medicamentos sem prescrição, tendo a indicação de farmacêuticos (47,9%), sendo o Paracetamol o mais utilizado (70%) e a cefaléia como a principal queixa.
Nascimento, 2019	Avaliar a prática de automedicação e as particularidades atribuídas a ela entre estudantes de medicina.	A coleta dos dados foi realizada através de questionário.	280 dos 284 voluntários relataram fazer uso de automedicação, sendo essa representada em sua maior parte pelos anti-inflamatórios.
Silva, 2021	Realizar um levantamento sobre a interferência dos medicamentos nos exames laboratoriais.	Levantamento por meio do site Portal Saúde Baseado utilizando as bases de dados Dynamed, Micromedex® e Nursing Reference Center.	67,7% dos medicamentos da Remune podem interferir em exames laboratoriais, destacando-se diuréticos e betabloqueadores.

Fonte: Elaborado pelos Autores.

Para discussão sobre os estudantes e a prática da automedicação foram selecionados artigos onde os autores realizaram estudos transversais através de questionários realizados com acadêmicos de diferentes instituições de ensino, tendo

um total de 2.885 participantes, o Gráfico 1 apresenta a quantidade de participantes de cada artigo, dentre estes participantes 71,28% (N=1.452) eram mulheres, 28,43% (n=580) eram homens e 8 participantes se classificaram como outros.

Gráfico 1 - Quantidade de participantes por artigo.



Fonte: Elaborado pelos Autores.

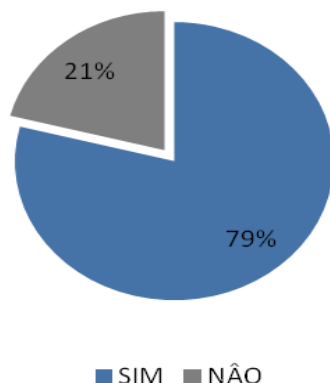
3.1 Prática da automedicação entre universitários

Constatou-se elevada prevalência de automedicação entre acadêmicos da área da saúde, resultado que confirma dados já descritos na literatura. Santos *et al.* 2022 identificaram essa prática em 53% dos acadêmicos universitários, corroborando com esses achados, Souza *et al.*, 2024 que realizaram estudos com acadêmicos universitários de Enfermagem no interior do estado do Amazonas, constataram a predominância da automedicação em 68,3% dos 142 participantes, assim como nos dados apontados por Lima *et al.* 2022, onde 80,1% dos estudantes afirmaram se automedicarem. Contudo, pesquisas envolvendo populações semelhantes demonstram variações na prevalência da automedicação, chegando a quase 100%.

Em estudos realizados em instituições públicas de ensino superior, os achados apontaram para uma hegemonia de automedicação em 97,14% (Querino *et al.*, 2023), 97,1% (Júnior *et al.* 2021) e 92,2% (Lopes *et al.*, 2021) dos estudantes entrevistados. Por outro lado, estudos em universidades de rede privadas do norte, nordeste e sudeste, ao serem comparados com dados de instituições públicas, evidenciaram variações semelhantes na prevalência da automedicação tendo 97,3% (Inoue *et al.*, 2025), 85% (Andrade *et al.* 2021), 71,1% (Cândido *et al.*, 2021), 86% (Guida & Guida, 2023) e 98,86% (Nascimento *et al.*, 2019) dos acadêmicos realizando a prática da automedicação. Esses estudos evidenciam a elevada prevalência da automedicação entre estudantes de graduação, corroborando tal narrativa entre os dados elencados pelos autores expostos.

De forma geral, entre os estudos analisados constatou-se que 79% (n=2.273) do total de participantes confirmaram que fizeram uso de medicamentos sem prescrição médica, como ilustrado no Gráfico 2, um valor expressivo que evidencia a elevada prevalência da automedicação entre estudantes de graduação, corroborando tal narrativa entre os dados elencados pelos autores expostos.

Gráfico 2 - Participantes praticantes da automedicação.



Fonte: Elaborado pelos Autores.

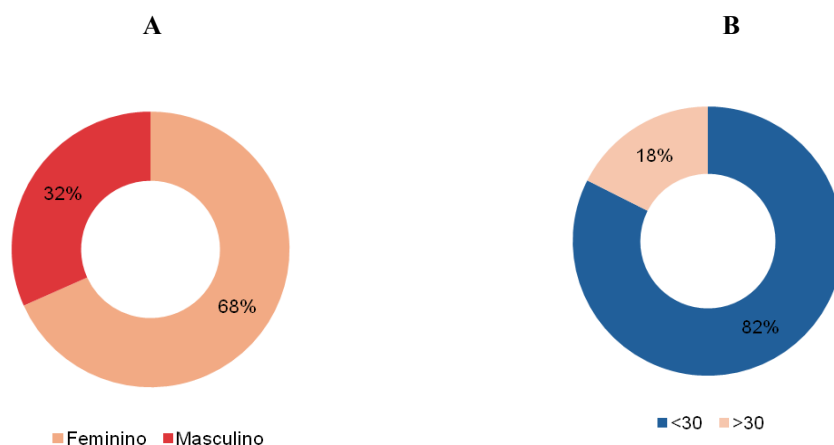
3.2 Relação entre gênero, idade, classe social e a prática da automedicação

Neste estudo, observou-se que 68% (n=829) dos participantes que praticam automedicação são mulheres (Gráfico 3A), resultado que se alinha com a literatura existente sobre o tema. Pesquisas anteriores apontam que mulheres tendem a se automediar com maior frequência, possivelmente devido à maior atenção à própria saúde e ao uso recorrente de medicamentos como analgésicos e anti-inflamatórios (Santos et al., 2022; Andrade et al., 2021; Lima et al., 2022). Esse padrão sugere que a automedicação, nesse grupo, funciona como uma estratégia prática de autogestão de sintomas, refletindo comportamentos já descritos em contextos acadêmicos da área da saúde.

Quanto à idade, verificou-se que a prática concentra-se majoritariamente entre indivíduos com menos de 30 anos (Gráfico 3B), coincidindo com a faixa etária dos estudantes universitários avaliados. A literatura indica que jovens universitários apresentam maior propensão à automedicação, influenciados pela rotina acadêmica intensa, fácil acesso à informação e percepção de autossuficiência no manejo de sintomas (Querino et al., 2023; Inoue et al., 2025; Lima et al., 2021). Dessa forma, a juventude e a vivência no ambiente universitário se combinam como fatores que facilitam a adoção dessa prática, frequentemente percebida como conveniente e de baixo risco.

O Gráfico 3 apresenta a correlação entre a prática de automedicação e os fatores sociodemográficos gênero e idade, evidenciando maior representatividade do sexo feminino, bem como de indivíduos com idade inferior a 30 anos na prática da automedicação.

Gráfico 3 - Gênero dos participantes praticantes de automedicação (A) e idade dos participantes praticantes de automedicação (B).



Fonte: Elaborado pelos Autores.

Todos os participantes pertencem ao grupo de estudantes universitários brasileiros, evidenciando certo nível de escolaridade e acesso a informações em saúde. Esse contexto favorece tanto o uso consciente quanto a automedicação imprudente, pois muitos acadêmicos da área da saúde se sentem confiantes em autogerir sintomas com base no conhecimento adquirido em sala de aula e em conteúdos farmacológicos (Cândido et al., 2021; Lopes et al., 2021). O ambiente acadêmico, nesse sentido, pode reforçar a percepção de que a automedicação é aceitável e controlada, ainda que essa prática comporte riscos como efeitos adversos e mascaramento de doenças (Guida & Guida, 2023; Souza et al., 2024).

Além disso, os achados corroboram Nascimento et al. (2019), que destacam que o comportamento de automedicação é influenciado por fatores como conveniência, autoconfiança relacionada ao conhecimento científico e fácil acesso a medicamentos, independentemente da homogeneidade socioeconômica do grupo. Dessa forma, mesmo em um público relativamente uniforme em termos de classe social, a prática da automedicação permanece presente, demonstrando que a educação formal isoladamente não atua como fator protetivo.

Em síntese, a relação entre gênero, idade e classe social na automedicação apresenta nuances relevantes: a predominância feminina confirma tendências nacionais já descritas, enquanto a concentração em jovens universitários evidencia que a automedicação é um comportamento persistente e enraizado nesse público, moldado por fatores socioculturais e acadêmicos que incentivam a autogestão de saúde.

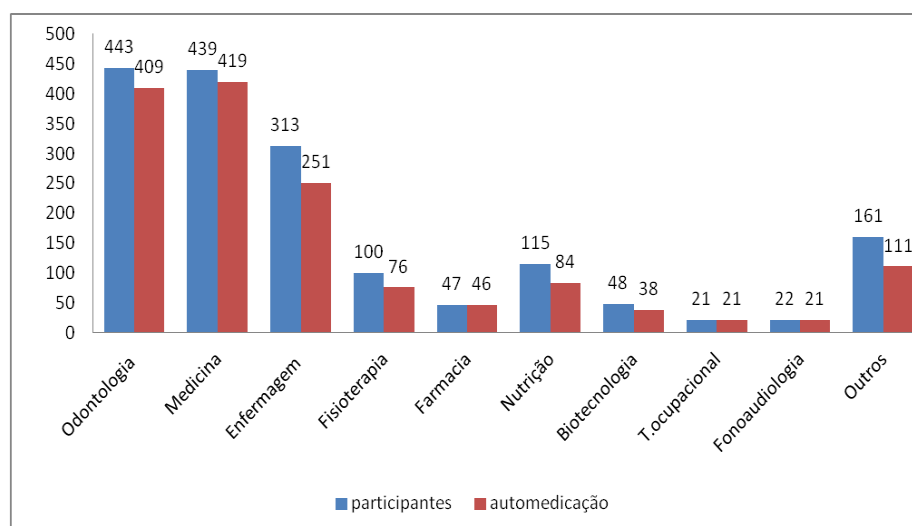
3.3 Relação entre o curso da graduação e automedicação

Os estudos analisados evidenciam a ocorrência prevalente de automedicação entre universitários da área da saúde, embora a frequência varie conforme o curso (Santos et al., 2022). Lima et al. observaram que 80,12% (n=387) dos estudantes de cursos da saúde já utilizaram medicamentos sem prescrição médica, com destaque para o curso de medicina (91.7%) o que se relaciona a estudos mais recentes, nos quais todos os acadêmicos de medicina entrevistados realizam tal prática (Santos et al.). Em estudos realizados especificamente com estudantes de medicina, verificou-se um percentual significativo da realização do autotratamento por parte dos mesmos, sendo 97,9% (n= 366) praticantes de tal ato reforçando que, mesmo entre cursos com formação voltada ao uso racional de medicamentos, a automedicação ainda é recorrente (Nascimento et al., 2019; Guida & Guida, 2023).

Seguindo os dados obtidos por Lima et al, a incidência da prática apresenta variação entre diferentes cursos de graduação, sendo menores em nutrição (78,3%), fisioterapia (70,7%) e biotecnologia (79,2%) quando comparados ao curso de medicina, contudo representam um percentual expressivo. Atrelado a isto, em estudos posteriores, a oscilação da automedicação entre os cursos, se mostrou ainda mais evidente, entretanto, elevados, com odontologia tendo 98,3% , enfermagem 86%, fonoaudiologia 95,45% e terapia ocupacional com 100% de autocuidado medicamentoso. (Santos et al, 2022; Lima et al, 2022; Lopes et al, 2021; Júnior et al 2021).

O Gráfico 4 ilustra a relação entre a quantidade de alunos de cada curso junto a quantidade de alunos praticantes da automedicação, como relatado, o curso de Odontologia e Medicina se destacam tanto pelo número de participantes nos artigos revisados quanto pela quantidade de alunos que praticam a automedicação.

Gráfico 4 - Relação da automedicação com o curso da graduação.



Fonte: Elaborado pelos Autores.

Em suma, os dados observados evidenciam a expressividade da automedicação entre universitários, independentemente das formações da área da saúde, entretanto, conhecimentos específicos atrelados ao curso desencadeiam a prática de forma crônica.

3.4 Motivos para automedicação

A automedicação é motivada por uma série de razões como o alívio rápido da dor, a facilidade de acesso, além de sintomas genéricos tendo predominância a cefaleia (Querino et al., 2023; Inoue et al., 2025; Júnior et al., 2020; Nascimento et al., 2020; Lopes et al., 2021; Souza et al., 2020) sendo seguida por sintomas de gripe e resfriado, cólicas menstruais (Santos et al., 2020) e dores não especificadas (Lima et al. (2022) corroborando com os resultados obtidos pelos mesmos autores em relação à classe dos medicamentos mais utilizados onde prevaleceram os analgésicos que fazem o alívio rápido de dores e podem ser vendidos em sua maioria sem prescrição médica.

Outro fator que possui grande influência na decisão de se automedicar é a confiança dos alunos em seu conhecimento por se tratarem de estudantes da área da saúde, Andrade et al. (2021) afirma que essa autoconfiança é fundamentada na ideia de que os conhecimentos adquiridos durante a graduação são suficientes para a seleção adequada do medicamento com base nos sintomas apresentados pelos mesmos, corroborando com os achados de Nascimento et al., 2019 que em seus resultados

constatou que a medida que os estudantes avançam no curso havia um aumento na prática da automedicação, principalmente após cursarem a disciplina de farmacologia, comum a diversos cursos da saúde.

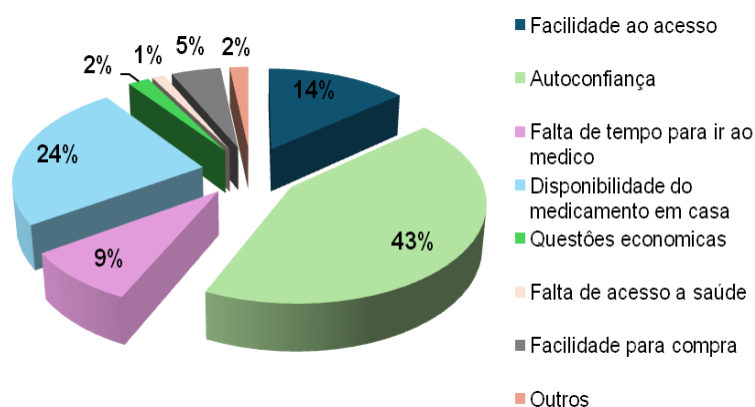
A literatura analisada também destaca a influência de familiares, amigos e vizinhos na prática da automedicação (Gráfico 6), por se tratarem de pessoas que os estudantes consideram confiáveis e que facilitam o acesso a esses medicamentos, através da disponibilidade em casa. Há também a influência de farmacêuticos, Inoue et al. (2025) relata que a maior parte dos entrevistados no estudo buscaram informações com o profissional antes de comprarem o medicamento, esta prática sendo facilitada pela obrigatoriedade da presença de farmacêuticos em todas as farmácias do país, a facilidade de acesso a esses estabelecimentos e a rapidez em que são atendidos contrapondo-se a demora no atendimento e falta de acesso a postos de saúde e hospitais relatados pelos estudantes entrevistados por Querino et al., 2023 e Nascimento et al., 2019.

Além dos fatores citados Cândido et al. (2021) destaca em sua pesquisa o uso de medicamentos para alívio do cansaço, estresse e auxiliar nos estudos utilizando psicoestimulantes que em sua maioria são receitados para pessoas com Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) que foram excluídas do estudo, destacando a problemática do uso de medicamentos sem a prescrição médica, em busca de um aperfeiçoamento mais rápido durante a graduação. Além dos riscos associados à automedicação, o uso de psicoestimulantes a longo prazo pode causar a dependência que causará não só danos físicos, mas também psicológicos já que o organismo irá precisar de doses cada vez mais altas para atingir o efeito desejado no sistema nervoso central, podendo haver uma falta de interesse e concentração em outras atividades essenciais em momentos em que os efeitos do medicamento não estiverem atuando.

Em síntese, os motivos que levam a automedicação entre universitários não se limitam apenas ao alívio de sintomas mas também à questões como a falta de tempo durante o período acadêmico, a necessidade de se aperfeiçoarem com rapidez e a autoconfiança que incentivam esta prática cada vez mais, sendo necessárias mudanças dentro dos ambientes acadêmicos visando fortalecer a conscientização dos eventuais infortúnios que esta prática pode causar a longo prazo.

O Gráfico 5 apresenta os fatores que contribuem para o uso inadequado de medicamentos, evidenciando que a autoconfiança é o principal elemento associado a essa prática.

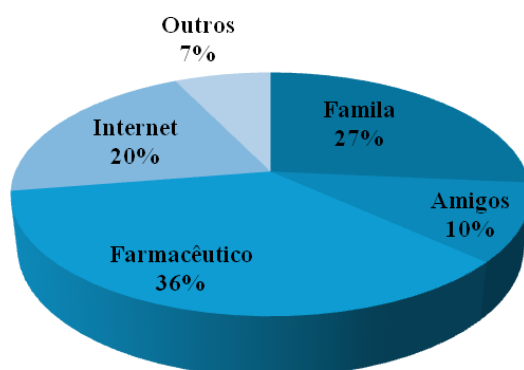
Gráfico 5 - Fatores facilitantes para a automedicação.



Fonte: Elaborado pelos Autores.

O Gráfico 6 apresenta as influências que impactaram a decisão dos indivíduos em relação à automedicação, demonstrando que o profissional farmacêutico exerceu a maior influência nesse comportamento.

Gráfico 6 - Influência na decisão de se automedicar.



Fonte: Elaborado pelos Autores.

3.5 Medicamentos mais utilizados

De acordo com a maior parte dos estudos analisados, os analgésicos e antitérmicos (Figura 2), foram os mais utilizados na prática da automedicação entre universitários, tendo destaque dipirona, paracetamol e ácido acetilsalicílico, os índices variando entre 61,8% a 92,9%. (Guida & Guida, 2023; Lopes et al., 2021; Júnior et al, 2022; Inoue et al,2025; Lima et al, 2022) entretanto Andrade et al destacam em seu o estudo o alto uso de vitaminas e antigripais (95%), resultados semelhantes à média nacional (ICTQ, 2022) onde o consumo de analgésicos é predominante em 65% da população sendo seguida pelos antigripais com 47%.

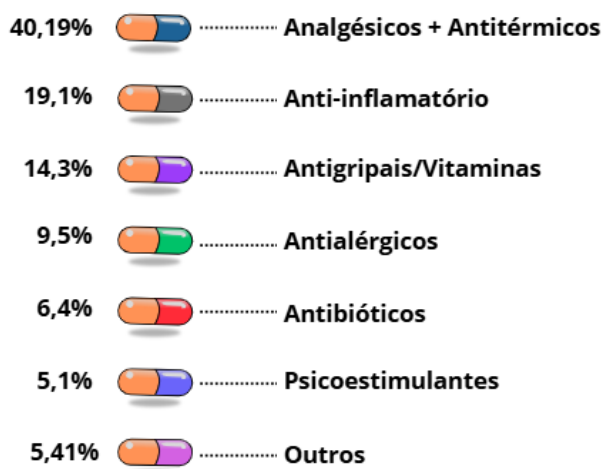
Outro grupo que se destacou foram antialérgicos e os anti-inflamatórios (Figura 2) como ibuprofeno, diclofenaco e nimesulida (Souza et al, 2024; Nascimento et al, 2019), medicamentos indicados para alívio rápido o que reforça a motivação apresentada pela maioria dos discentes, outro fator facilitante do uso desses medicamentos é não precisarem de uma prescrição médica para serem comprados e o baixo custo.

Os antibióticos, especialmente amoxicilina, azitromicina e ciprofloxacino, também apareceram de forma expressiva mesmo havendo necessidade de prescrição, um levantamento realizado pela Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI,2024) relatou que a venda deste tipo de medicamento é comumente realizado em farmácias de bairro, que não possuem ligação com grandes redes de drogarias, para além dos risco de intoxicação, o uso de antibióticos sem prescrição também são responsáveis pelo aumento da resistência antimicrobiana.(Lima et al, 2022; Júnior et al, 2022;Lopes et al., 2021)

Por fim, Cândido et al., 2020 ressalta o uso de psicotrópicos e estimulantes do sistema nervoso central, sendo o mais citado foi o metilfenidato (Ritalina®), utilizado em até 19,38% dos acadêmicos, sendo esses tipos de medicamentos utilizados em busca de maior desempenho acadêmico, a longo prazo seu uso indiscriminado pode trazer consequências principalmente ao sistema nervoso central, além da possibilidade de se criar uma dependência.

A Figura 2 ilustra a distribuição das classes de medicamentos mais frequentemente utilizadas pelos acadêmicos, evidenciando a predominância dos analgésicos e antitérmicos como principais fármacos empregados.

Figura 2 - Relação da classe de medicamentos mais utilizados.



Fonte: Elaborado pelos Autores.

3.6 Alterações laboratoriais causadas por medicamentos

Os artigos analisados trouxeram informações sobre a automedicação e como ela é atuante na vida dos estudantes, porém não traziam informações sobre as alterações bioquímicas que estes medicamentos podem causar. Tendo em vista o objetivo do trabalho utilizamos o artigo de Silva et al. (2021) junto a informações das bulas dos medicamentos citados nos artigos para confecção de uma tabela (Quadro 2) contendo as alterações laboratoriais bioquímicas que esses medicamentos podem causar quando utilizadas sem a indicação adequada.

Quadro 2- Alterações bioquímicas causadas por medicamentos usados para automedicação de estudantes universitários.

Classe dos medicamentos	Medicamento	Alteração
Analgésicos + Antitérmicos	Diclofenaco de sódio	↓ níveis séricos de fosfatase alcalina ↓ níveis séricos de LDH ↑ níveis séricos de AST e ALT ↑ níveis séricos de ureia ↓ níveis séricos de creatinina
	Dipirona	↓ níveis séricos de creatinina
	Paracetamol	↑ níveis séricos de bilirrubina ↓ níveis séricos de glicose ↑ níveis séricos de ácido úrico ↓ níveis séricos de sódio ↓ níveis séricos de bicarbonato
Antiinflamatórios	Aspirina	↑ níveis séricos de creatinina
	Ibuprofeno	↑ níveis séricos de potássio ↑ níveis séricos de ureia ↑ níveis séricos de creatinina ↑ níveis séricos de fosfatase alcalina ↑ níveis séricos de LDH ↑ níveis séricos de AST e ALT ↓ níveis séricos de glicose

	Prednisona	↑ níveis séricos de glicose ↓ níveis séricos de potássio ↓ níveis séricos de cálcio ↑ níveis séricos de sódio ↑ níveis séricos de colesterol total ↑ níveis séricos de LDL-c ↑ níveis séricos de triglicérides
Antigripais/ Vitaminas	Ácido ascórbico (vitamina C)	↓ níveis séricos de Colesterol total ↓ níveis séricos de triglicérides ↑ níveis séricos de creatinina ↓ níveis séricos de bilirrubina total
Antialérgicos	Loratadina	↑ níveis séricos de LDH ↑ níveis séricos de AST e ALT
	Cetirizina	↑ níveis séricos de LDH ↑ níveis séricos de AST e ALT ↑ níveis séricos de fosfatase alcalina
Antibióticos	Amoxicilina	↑ níveis séricos de LDH ↑ níveis séricos de AST e ALT ↑ níveis de glicose na urina
	Amoxicilina + clavulanato	↑ níveis séricos de fosfatase alcalina ↑ níveis séricos de AST e ALT ↑ níveis séricos de LDH
	Azitromicina	↑ níveis séricos de bilirrubina ↑ níveis séricos de AST e ALT ↑ níveis séricos de LDH ↑ níveis séricos de fosfatase alcalina ↑ níveis séricos de potássio ↑ níveis séricos de ureia ↑ níveis séricos de creatinina ↑ níveis séricos de glicose
	Eritromicina	↑ níveis séricos de fosfatase alcalina ↑ níveis séricos de bilirrubina
Psicoestimulantes	Carbonato de lítio	↑ níveis séricos de sódio
	Metilfenidato	Falso- positivo para anfetaminas
	Sertralina	↓ níveis séricos de ácido úrico

Legenda: AST: Aspartato Aminotransferase; ALT: alanina aminotransferase; LDH:lactato desidrogenase; LDL-C: Lipoproteína de Baixa Densidade. Fontes: Elaborado pelos Autores. Adaptação de Silva et al. (2021).

Como observado, a maior parte dos medicamentos causam efeitos aos valores relacionados ao sistema hepático, AST, ALT, LDH e fosfatase alcalina, essas alterações podem ser assintomáticas porém, a continuidade do uso indiscriminado desses medicamentos associados a possíveis disfunções metabólicas podem causar problemas mais sérios como lesões hepáticas.

Outra alteração que se destaca são os níveis de creatinina, alguns desses medicamentos são considerados nefrotóxicos, sendo necessário o acompanhamento das taxas de filtração glomerular, além de serem contra indicados para pacientes que já possuem uma doença renal.

As alterações nos níveis de glicose podem ocorrer devido a alterações nos mecanismos de secreção ou ação da insulina que podem causar complicações principalmente em pacientes diabéticos, por poderem interferir no funcionamento dos medicamentos antidiabéticos.

O conhecimento dessas alterações se torna necessário tanto para alertar pacientes sobre os riscos da automedicação quanto para o profissional do laboratório que irá realizar os exames pois o aumento ou diminuição dos níveis séricos citados podem levar a um diagnóstico errôneo ou monitoramentos inexatos, sendo necessário uma atenção redobrada durante a coleta de dados dos pacientes.

4. Conclusão

A análise dos estudos revisados evidenciou que a automedicação é uma prática amplamente difundida entre universitários, sobretudo entre aqueles pertencentes à área da saúde. Fatores como a facilidade de acesso a medicamentos, a rotina acadêmica intensa, o conhecimento prévio sobre farmacologia e a crença na capacidade de autodiagnóstico contribuem de forma significativa para a manutenção desse comportamento. A predominância feminina entre os praticantes e a faixa etária concentrada em jovens adultos reforçam a tendência observada na literatura nacional e internacional.

Os medicamentos mais utilizados foram os analgésicos, antitérmicos e anti-inflamatórios não esteroides, seguidos de antibióticos, vitaminas e psicoestimulantes. Esses fármacos, embora de uso comum e muitas vezes isentos de prescrição, possuem potencial para causar importantes interferências nos exames laboratoriais, alterando parâmetros bioquímicos como níveis séricos de enzimas hepáticas, eletrólitos, glicose e lipídeos. Tais alterações podem comprometer a interpretação dos resultados e dificultar o diagnóstico clínico, impactando diretamente na conduta terapêutica.

Constatou-se ainda a escassez de estudos que abordem especificamente a relação entre automedicação e alterações laboratoriais, o que reforça a necessidade de novas pesquisas voltadas à investigação dos efeitos bioquímicos decorrentes do uso indiscriminado de medicamentos. Assim, este trabalho destaca a importância de ações educativas nas instituições de ensino superior, voltadas à conscientização sobre o uso racional de medicamentos e à valorização do acompanhamento profissional.

Conclui-se que, embora a automedicação entre universitários seja uma prática frequente e muitas vezes subestimada, ela representa um problema de saúde pública que exige atenção contínua. O fortalecimento da educação em saúde, a orientação farmacêutica e o incentivo ao diálogo entre estudantes e profissionais da área são medidas essenciais para minimizar riscos e promover o uso seguro e consciente de medicamentos.

Referências

- AMOXICILINA - germed. (s.d.). Germed. <https://germedpharma.com.br/produto/amoxicilina/>
- Andrade, D. R. d. S., Santos, J. C. d. Couto, G. B. F. d., Santos, J. M. d., Pereira, R. A. Dias, A. K., Markus, G. W. S., & Silva, K. C. C. d. (2021). Automedicação entre universitários da área da saúde no interior do Tocantins. *Scire Salutis*, 11(3), 108–117. <https://doi.org/10.6008/cbpc2236-9600.2021.003.0014>
- Aproximadamente 90% dos brasileiros realizam automedicação, atesta ictq. (s.d.). Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade. <https://ictq.com.br/farmacia-clinica/3202-aproximadamente-90-dos-brasileiros-realiza-automedicacao-atesta-ictq>
- Araújo Júnior, A. G. d., Caetano, V. d. S., Portela, I. J. Z., Bezerra, J. P. Ferraz, M. Â. A. L. Falcão, C. A. M. (2022). Prevalência da automedicação em acadêmicos de odontologia e enfermagem em uma instituição pública brasileira. *Arquivos em Odontologia*, 57, 26–35. <https://doi.org/10.7308/aodontol/2021.57.e04>
- Aspirina. (s.d.). Consulta Online - Farmácia do IPAM. https://www.farmaciaipam.com.br/_uploads/ProdutoDownload/produto_519.pdf
- Behzadifar, M., Behzadifar, M., Aryankhesal, A., Ravaghi, H., Baradaran, H., Sajadi, H. S., Khaksarian, M., & Bragazzi, N. L. (2020). Prevalence of self-medication in university students: Systematic review and meta-analysis. *Eastern Mediterranean Health Journal*, 26(7), 846–857. <https://doi.org/10.26719/emhj.20.052>
- Eritrex. (s.d.). Portal Saude Direta - Index. <https://www.saudedireta.com.br/catinc/drugs/bulas/eritrex.pdf>
- Freire, K. L., Ruiz, A. C., Pereira, É. R., & Crispim, L. F. (2023). A importância do farmacêutico em relação à automedicação em consequência da pandemia da Covid-19. *Brazilian Journal of Development*, 9(1), 5827–5842. <https://doi.org/10.34117/bjdv9n1-396>
- Guida, V. H. D., & Guida, L. A. D. (2023). Análise epidemiológica da automedicação por analgésicos não opioides em acadêmicos de uma instituição de

ensino superior do oeste do Paraná. *Research, Society and Development*, 12(6). <https://doi.org/10.33448/rsd-v12i6.41761>

Hassunuma, R. M., Garcia, P. C., Ventura, T. M. O., Seneda, A. L., & Messias, S. H. N. (2024). Revisão integrativa e redação de artigo científico: Uma proposta metodológica em 10 passos. *Revista Multidisciplinar de Educação e Meio Ambiente*, 5(3).

Hoefler, R., & Leite, L. N. (2020). Automedicação responsável e os medicamentos isentos de prescrição. *Farmacoterapêutica*, 24(1 e 2), 5–11.

Inoue, A. M., Oliveira, D. C. S. d., Pereira, M. D., & Moraes, F. S. (2025). Perfil de automedicação entre os estudantes de biomedicina e farmácia do grupo unieduk. *Revista científica interdisciplinar das faculdades integradas de jaú*, 2(1).

Lima, P. A. V., Costa, R. D., Silva, M. P. d., Souza, Z. A. d., Souza, L. P. S. e., Fernandes, T. G., & Gama, A. S. M. (2022). Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas. *Acta Paulista de Enfermagem*, 35. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022ao000134>

Lopes, A. P., Tomba, M. Z. M., Ferreira, L. B., Simonato, L. E., & Ramos, R. R. (2021). Tendência da prática de automedicação entre universitários do curso de odontologia na universidade brasil. *Archives of Health Investigation*, 11(2), 325–331. <https://doi.org/10.21270/archi.v11i2.5264>

Maioria (73%) dos brasileiros utiliza medicamentos isentos de prescrição (2024, 30 de agosto). Datafolha. <https://datafolha.folha.uol.com.br/inteligencia-de-mercado/2024/08/30-dos-brasileiros-tomam-medicamentos-isentos-de-prescricao.shtml>

Nascimento, C. S. d., Araújo, K. M. M. d., Gusmão, D. B. M. d., Souza, P. M., & Santos Júnior, J. A. D. (2019). Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma instituição de ensino de Alagoas. *Revista De Medicina*, 98(6), 367–373. <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v98i6p367-373>

OMS alerta para aumento da resistência a antibióticos em infecções bacterianas | CNN Brasil. (s.d.). CNN Brasil. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/oms-alerta-para-aumento-da-resistencia-a-antibioticos-em-infeccoes-bacterianas/>

Pereira, A. S. et al. (2018). Metodologia da pesquisa científica. [free ebook]. Santa Maria. Editora da UFSM.

Querino, J. d. J., & da Rocha, C. E. (2023). Perfil da automedicação entre universitários dos cursos da saúde no nordeste brasileiro. *Revista Contexto & Saúde*, 23(47), Artigo e13151. <https://doi.org/10.21527/2176-7114.2023.47.13151>

Santos, E. L. G. d., Antunes, L. L. P., Seabra, D. B. M. H., Fonseca, A. A., Freitas, T. F., Pereira, É. J., & Freitas, R. F. (2022). Comportamento de estudantes universitários da área da saúde com relação à utilização de medicamentos e a prática da automedicação. *Research, Society and Development*, 11(12), Artigo e130111234353. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i12.34353>

Shitsuka, R. et al. (2014). Matemática fundamental para tecnologia. (2ed). Editora Érica.

Silva Cândido, G., Da Silva Teixeira, J. P., Gabrielle Torres Principe, L., Mariano Terto, M. V., Amorim Roque, V. M., Lima, V. D. S., & Cavalcante da Silva, G. (2021). Uso de estimulantes do sistema nervoso central por estudantes de saúde do sertão de pernambuco. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, 95(36). <https://doi.org/10.31011/reaid-2021-v.95-n.36-art.1101>

Snyder, H. (2019). Literature review as a research methodology: An overview and guidelines. *Journal of Business Research*. 104, 333 -9. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2019.07.039>.

Souza, R. S. d., Lopez, R. C., Souza, L. P. S. e., & Gama, A. S. M. (2024). Uso de analgésicos no-opioides entre estudantes de Enfermeria em Amazonas, Brasil. *Revista Uruguaya de Enfermería*, 19(1). <https://doi.org/10.33517/rue2024v19n1a1>